

## O TRABALHO E O LAZER/LÚDICO DAS MENINAS-JOVENS-MULHERES DE ASSENTAMENTOS DO MST

Natacha Eugênia Janata<sup>1</sup>

### Resumo Abstract

Apresentamos neste texto a investigação sobre a juventude feminina de assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, na região de Campos Novos-SC, abordando suas relações e contradições acerca da cultura do trabalho e do lúdico. Tratamos dos aspectos teórico-metodológicos da pesquisa e refletimos sobre as conclusões possibilitadas pela investigação. Palavras-chave: lúdico, trabalho, juventude, movimentos sociais.

We present in this text the inquiry on the feminine youth of nestings of the Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, in the region around Campos Novos-SC, approaching its relations and contradictions concerning the culture of the work and the jocular culture. We deal with the aspects metodologics of the research and reflect about conclusions made possible for the inquiry. Key words: leisure, work, youth, social movements.

---

“Liberdade acho que é nós poder decidir nosso próprio futuro” (Dayani)

Este trabalho apresenta a investigação sobre a juventude feminina, suas relações e contradições acerca da cultura do trabalho e do lúdico, em assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, da região de Campos Novos, no estado de Santa Catarina, intitulada: “Fuxicando” sobre a cultura do trabalho e do lúdico das meninas-jovens-mulheres de assentamentos do MST.

Aponta-se o “problema social” da precarização do trabalho que se inter-relaciona com a migração do campo para a cidade, que levou – e continua levando – a formação de um batalhão de pessoas que vão se desumanizando, nas periferias dos grandes centros urbanos. O que o constitui como “problema sociológico”? Uma das referências é perceber que “os imigrantes de outrora se transmutaram em sem-terra, identidade de complexa apreensão que denomina os participantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)”, e são os mesmos “nômades que vagueiam pelo mundo em busca de trabalho” (Aued & Fiod, 2002, p. 20/21).

Isto significa dizer que a juventude do campo que hoje deixa seus lares a fim de “correr atrás” de uma vida “mais digna”, demonstra a perpetuação de desigualdades que têm uma longa data. Percebemos que a situação para os filhos e filhas de pequenos agricultores se agrava ainda mais, já que a evasão do campo acontece tendo em vista que “o motivo é sobretudo a sobrevivência. O lote de seus pais já não poderá prover-lhes o sustento quando casem e constituam família” (Morissawua, 2001, p. 213).

O que nos levou a focalizar especificamente as jovens? De antemão, deixamos claro que não tivemos a intenção de fazer um estudo tendo como eixo unicamente a categoria gênero. Se por um lado nos localizamos no universo feminino, por outro, não perdemos de vista, sobretudo, que buscamos estudar jovens que têm sua origem no campo, situando-se, portanto, no âmbito das reivindicações por melhorias das condições rurais e no interior de um Movimento Social que se circunscreve na busca por uma transformação estrutural da sociedade.

Sendo assim, o recorte de gênero deveu-se ao fato de que, curiosamente, num estudo de Abramovay (1998), envolvendo os padrões sucessórios<sup>2</sup> na agricultura

familiar, verificou-se que, dos jovens que têm sua raiz no campo, principalmente para os rapazes, o trabalho na agricultura tende a ser uma opção e não uma fatalidade. Foi a juventude feminina que demonstrou a vontade de ir para as cidades, por falta de perspectivas, uma vez que a tradição da agricultura, em que à mulher restava a condição materna, não lhes agrada mais.

Temos em vista, também, que a problemática da evasão da juventude do campo se constitui numa demanda atual do MST, assumindo ser esse um “dos seus principais desafios” (Morissawua, 2001, p. 213), uma vez que se torna imprescindível a participação destes e destas jovens a fim de que possam garantir a continuidade da própria existência do Movimento - nos dois sentidos, enquanto luta que precisa “girar a roda da história”, e enquanto constituição de uma organização coletiva.

A busca por compreender as relações entre trabalho e lúdico/lazer se deveu ainda ao fato de que, no interior do MST há um crescente debate acerca da formação de “novos homens e novas mulheres” (Bogo, 2000), pautado pelo entendimento de que o processo de transformação social passa também pela mudança das práticas sociais. É nesse sentido que entendemos o lúdico: como uma manifestação

humana que não corrobora com a perspectiva do lazer alienado, escape de um trabalho alienado, fruto da sociedade capitalista. Assumimos, portanto, uma perspectiva que vise resgatá-lo “sob a forma de mais um instrumento de luta para a transformação social, sem perder suas características que indicam sua qualidade festiva, celebrativa e libertadora” (Ferreira, 2002, p. 177).

Dessa forma, a investigação teve como questionamento central: Que cultura do trabalho e do lúdico são construídas pelas jovens do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra(MST), do município de Campos Novos/SC? E ainda, quais as repercussões da relação trabalho e cultura lúdica/lazer, construída por esta juventude, para as suas vidas?

Nossa matriz teórico-metodológica se fundamentou nos pressupostos do materialismo dialético e se justificou, a priori, pela visão de mundo e sociedade com a qual nos identificamos. Desse modo, adentrar na problemática da vida cotidiana das jovens, buscando captar suas representações sociais acerca do trabalho e do lúdico, partiu do entendimento de que há uma relação entre as consciências individuais e a realidade objetiva, isto é, leva em consideração o princípio metodológico da totalidade (Minayo, 2000).

Tivemos como um dos fundamentos teórico-metodológicos o paradigma marxista da Sociologia da Vida Cotidiana (Pais, 1986), utilizando como formas de abordar a realidade a observação participante, as anotações no diário de campo e as entrevistas coletivas semi-estruturadas. Tendo como eixo as subjetividades inter cruzadas, isto é, considerando também as falas dos jovens, forjamos metodologicamente a Oficina de Fuxico<sup>3</sup> (produção artesanal utilizando retalhos de tecido). A oficina era composta de três momentos, o inicial, quando eram esclarecidos os objetivos da pesquisa e da oficina, enquanto forma de recolher as informações, seguido da discussão do que é o fuxico e de como é feito. Após isto, passava-se aos processos de produção – cortar os moldes, alivinhar e costurar.

Enquanto as e os jovens construíam seus fuxicos, íamos metaforicamente, “fuxicando” sobre as

inquietações da investigação, buscando desvelar as relações e contradições da construção da cultura do trabalho e do lúdico/lazer na vida cotidiana das meninas-jovens-mulheres<sup>4</sup>.

Assim como Castelo Branco (2003), estruturamos nossa pesquisa em três fases – “exploratória – investigativa – analítica”, articulando-as entre si, sempre que possível, bem como os modos de abordar a realidade em cada uma delas.

Na fase exploratória, forjamos a denominação de Encontros-Campo, com base em Silva (2000). Estes subdividiram-se em três: Encontro-Campo 01: Visita Pedagógica; Encontro-Campo 02: Encontro Estadual de Jovens-Chapecó e Encontro-Campo 03: “Fuxicando” no Encontro de Jovens do MST.

Após estes momentos, passamos para a fase investigativa denominada de Vivendo o Campo, em

que, tendo sido estabelecido o vínculo com os sujeitos investigados, as prováveis categorias de análise – emergidas dos momentos anteriores – e todo o roteiro de investigação, fomos novamente “a campo”, isto é, para os assentamentos 30 de Outubro e São José, a fim de aprofundar e nos localizar nas especificidades a serem refletidas à luz das teorias.

As experiências vividas no processo de investigação nos permitiram elucidar as categorias de análise – cultura do trabalho, cultura lúdica, juventude feminina - e estruturar nossas reflexões da seguinte forma: no capítulo I, tratamos de discutir os aspectos que envolvem o “fazer pesquisa, buscando explicitar o trajeto percorrido, os “bastidores” que possibilitaram constituir este estudo e as teorias metodológicas que nos embasam. Anunciamos, ainda, as categorias que guiaram o processo de investigação e que foram se configurando no decorrer das intensas trocas entre os sujeitos – pesquisadora e jovens – da pesquisa. Isto significa afirmar, junto com Gomes (1994, p. 68), que na “medida em que estamos tratando de análise em pesquisa qualitativa, não devemos nos esquecer de que, apesar de mencionarmos uma fase distinta com a denominação “análise”, durante a fase de coleta de dados a análise já po-

derá estar ocorrendo”. Sendo assim, tais categorias se constituíram, antes, quando da elaboração das questões que permeiam o estudo e o roteiro de investigação; durante, no momento da inserção no “campo”, da realização das oficinas, da maior aproximação com a realidade das jovens, e, finalmente, depois, quando das análises dos dados coletados anteriormente.

O próximo capítulo inicia explicitando quem são afinal as meninas-jovens-mulheres, para após adentrarmos nas questões teóricas que envolvem a concepção de “cultura do trabalho” e a discussão do que esta significa para a realidade das jovens. Foi permitido a elas, então, expressarem como se procedem as relações entre homens e mulheres, especificamente os e as jovens, no âmbito do trabalho realizado no interior dos assentamentos, como este influencia na busca pela sobrevivência, como é organizado, enfim, qual o sentido do trabalho para as jovens.

Por último, no capítulo III, buscamos estabelecer uma reflexão que envolvesse os elementos teóricos da discussão acerca da “cultura lúdica/lazer”, a partir das categorias empíricas emergidas na investigação. Presenciamos, neste tópico, os relatos das jovens sobre como se constituem suas manifestações lúdicas, cercadas, tal qual no traba-

lho, de valores tradicionais, em que se preservam relações de gênero desiguais, e por outro lado, os anúncios dos sonhos por transformações deste e de outros aspectos apontados.

As jovens, bem como os demais sujeitos que constituem os assentamentos do MST, vivem um processo de luta que é constante. Os interesses imediatos não bastam, visto que, em última instância a reforma agrária é um passo, porém não o único. Talvez seja antes, o início de um processo de conscientização social, que os e as leva a construir um projeto histórico de sociedade que se contrapõe à propriedade privada e à forma social do capital.

Se de um lado elas expressam em seus relatos uma consciência política e social ao resgatarem suas trajetórias, compreendem sua realidade e evidenciam como o MST interferiu/interfere nas possibilidades de garantirem suas sobrevivências, por outro lado percebemos que em seus cotidianos, apesar de reconhecerem o Movimento, nem todas demonstraram um sentimento de pertença internalizado. Consideramos, dessa forma, um “achado” da pesquisa compreender a heterogeneidade social presente no interior dos assentamentos do Movimento. Se o que esperávamos era encontrar uniformidade, por uma visão idealiza-

da da vida social, qual não foi a surpresa ao evidenciar que são jovens diferentes, que se distinguem pela maneira como suas vidas se organizam, e conseqüentemente como respondem a isto. Algumas habitam os assentamentos “individuais”, outras os “coletivos” (Paulilo, 1998), isto demonstrou como o processo de trabalho interfere na formação humana delas.

A coletividade é permitida a partir da intervenção do MST, isto é, da inserção nas lutas sociais travadas nas quais o acampamento se configura como essencial para o exercício dos “novos valores”, ainda que não o garanta. A vida no “individual”, comparada a do “coletivo”, apresenta-se mais sofrida, pois as condições econômicas são visivelmente mais desfavoráveis. Mesmo que acreditem ter uma maior autonomia nas decisões, esta se concentra na mão dos pais, e principalmente na figura do homem. Não que isto não ocorra no “coletivo”, mas percebemos que se dilui com maior facilidade, uma vez que as decisões passam por discussões que extrapolam o âmbito da família, sejam em reuniões, assembléias, etc.

Além da heterogeneidade constatada, muitas contradições vieram à tona. Uma delas foi a questão das relações desiguais entre homens e mulheres, intensamente sentida pelas jovens no âm-

bito da cultura do trabalho e, como não podia deixar de ser, da cultura lúdica. E aí, o “coletivo” não apresenta grandes mudanças, pois as jovens denunciavam quase que praticamente a mesma realidade machista.

Se para as crianças o elemento lúdico é integrante nas suas vidas, para as e os jovens, cujo o trabalho duro e esforçado assume o peso das responsabilidades, passando a fazer parte de seus cotidianos - diferentemente da infância, em que ainda conserva um caráter socializador - as manifestações lúdicas/lazer ficam restritas aos espaços-tempos dos finais de semana e, em determinadas situações, para as meninas, nem isso.

Por outro lado, “vivendo o campo” pudemos perceber que no cotidiano há ludicidade/lazer, mas onde? Na roda de chimarrão à tarde, nas brincadeiras das crianças e dos jovens, no ir ao açude, na convivência social possibilitada pela comunidade e no “campo”. Entretanto, tudo isto entrecortado pelo futebol, em que só os rapazes jogam e a ida aos bailes sempre com a necessidade de uma “presença” e “proteção” masculina.

Ainda que a realidade dura do trabalho tome suas vidas e as desgastem, as meninas-jovens-mulheres demonstram que não permitem que seus sonhos sejam esque-

cidos. Se o desejo da terra-trabaho-sobrevivência está “garantido” surgem outros, tais como como constituir família, profissionalizarem-se, terem acesso a melhores possibilidades de manifestação da cultura lúdica. Contrapondo-se às conclusões de Abramovay (1998) essas jovens, ainda que demonstrem várias críticas em relação às suas vidas cotidianas, principalmente no tocante à dureza do trabalho, não apontam a vontade de saírem dos assentamentos. Na verdade, Gisele chega a afirmar: “Eu adoro viver na colônia”.

Em relação aos “sonhos-desejados” das manifestações lúdicas pouco tem se concretizado. Numa realidade em que a sobrevivência deve ser garantida com muito suor e esforço, em que faltam subsídios e apoio financeiro governamentais, sobra muito pouco para se preocuparem com diversão, mistério, fantasia e criatividade. As lutas ainda ficam no terreno da garantia das necessidades básicas e os sonhos, na idealização das conquistas por virem, portanto, das próximas lutas a serem travadas, seja por cultura, arte, novas relações familiares, tecnologias socialmente aplicadas, etc.

Embora as jovens expressem suas inquietações em relação às desigualdades entre homens e mulheres que sofrem constantemente tanto no trabalho, quanto no lúdico

– até porque estão imbricados - e apontem a vontade de construir outras manifestações e práticas corporais lúdicas, muitas vezes demonstram resignação frente a atitude de buscar concretizá-las. Contudo, há que se tomar o cuidado de compreender que estas meninas são frutos de um processo em que desde a infância aprendem a respeitar os valores patriarcais e por isso encontram dificuldades de transpor barreiras e transgredir. Não que não o façam, mas é sempre uma conquista, um exercício de “correr atrás” do que gostariam e por vezes acabam se desgastando e se acomodando. Aqui notamos a importância de atentar para o fato de que elas possivelmente precisam compreender o sentido histórico dessas relações desiguais de gênero a que estão submetidas, no mesmo patamar em que compreendem as desigualdade sociais fruto do capitalismo, pois “o

entusiasmo esfria se não estiver baseado em uma compreensão clara do desenvolvimento histórico” (Taffarel, 2002, s/p), e isto se coloca como tarefa para esta juventude.

Chama a atenção, também, a necessidade de evidenciar para o MST, isto é, aos sujeitos constituintes deste movimento social, e que numa via de mão dupla, constituem-se a partir dele, que buscar resgatar/reinventar as manifestações lúdicas coincide com suas buscas por construir “novos valores” (Bogo, 2000), novas relações sociais, novas sociabilidades, e que, portanto, não deve ser deixada de lado.

Para concluir provisoriamente – o que é antes um começo – gostaria de resgatar do interior do sertão nordestino, Patativa do Assaré (2001, p. 76), quando diz em sua poesia “Eu quero e todos querem”:

Quero paz e liberdade  
sossego e fraternidade  
na nossa pátria natal  
desde a cidade ao deserto  
quero o operário liberto  
da exploração patronal.

Quero ver do sul ao nordeste  
o nosso caboclo forte  
trocar a casa de palha  
por confortável guarida  
quero a terra dividida  
para quem nela trabalha.

Eu quero o agregado isento  
do terrível sofrimento  
do maldito cativo

quero ver o meu país  
rico ditoso e feliz  
livre do jugo estrangeiro

A bem do nosso progresso  
quero o apoio do Congresso  
sobre uma reforma agrária  
que venha, por sua vez  
libertar o camponês  
da situação precária

Finalmente, meus senhores  
quero ouvir entre os primores  
debaixo do céu de anil  
as mais sonoras notas  
dos cantos dos patriotas  
cantando a paz do Brasil.



## Referências

- ABRAMOVAY et all. Juventude e agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios. Brasília: UNESCO, 1998.
- AUED, Bernadete Wrublevski. & FIOD, Edna Garcia Maciel. Origens sociais dos movimentos rurais em Santa Catarina (ou ampliação do trabalho, mas não do assalariamento). IN: VENDRAMINI, Célia Regina. (org). Educação em movimento na luta pela terra. Florianópolis: NUP/CED, 2002.
- BOGO, Ademar. O MST e a cultura. Caderno de Formação nº 34. São Paulo: MST, 2000.
- CASTELO BRANCO, Maria Teresa. Jovens sem-terra: identidades em movimento. Curitiba: Ed da UFPR, 2003.
- FERREIRA, Marcelo Pereira de Almeida. O lúdico e o revolucionário no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra: a prática pedagógica no encontro dos Sem Terrinha. Pós-Graduação em Educação. Centro de Educação. Universidade Federal de Pernambuco. Dissertação de Mestrado. Recife, 2002.
- GOMES, Romeu. A análise de dados em pesquisa qualitativa. IN: MINAYO, Maria Cecília de Souza. (org). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo-Rio de Janeiro: HUCITEC-ABRASCO, 2000.
- MORISSAWUA, Mitsue. A história da luta pela terra e o MST. São Paulo: Expressão Popular, 2001.
- PAIS, José Machado. Paradigmas sociológicos da vida cotidiana. IN: Revista Análise Social, Lisboa: vol. XXII(90), 1986.
- PATATIVA DO ASSARÉ. Digo e não peço segredo. São Paulo: Escrituras Editora, 2001.
- PAULILO, Maria Ignez Silveira. Terra à vista... e ao longe. 2ªed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1998.
- SILVA, Mauricio Roberto da. O assalto à infância do mundo amargo da cana-de-açúcar: onde está o lúdico? O gato comeu? Faculdade de Educação. Departamento de Ciências Sociais Aplicadas à Educação. Universidade Estadual de Campinas. Tese de doutorado. Campinas, 2000.
- \_\_\_\_\_. Recortando e colando as imagens da vida cotidiana do trabalho e da cultura lúdicas das meninas-mulheres e das mulheres-meninas da Zona da Mata Canavieira Pernambucana. IN: Cadernos Cedes, nº 56, UNICAMP, 2002.
- TAFFAREL, Celi Nelza Zulke. "O socialismo e as tarefas revolucionárias da juventude". IN: [http://faced.ufba.br/rascunho\\_digital/textos/121.htm](http://faced.ufba.br/rascunho_digital/textos/121.htm) Disponível em 15/01/2004, 2002.

Contato: Rua Breno Arruda, 41 Jardim das Américas - Curitiba-PR - Cep: 81530-190 e-mail: nejanata@yahoo.com.br

Recebido em: junho/2004  
Aprovado em: julho/2004